



**Centro Universitário de Brasília  
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

**RODRIGO MACIEL RAMOS**

**A EQUOTERAPIA E O BRINCAR – RELAÇÕES TRANSFERENCIAIS  
NA EQUOTERAPIA E O CAVALO COMO OBJETO TRANSICIONAL**

**Brasília  
2007**

**RODRIGO MACIEL RAMOS**

**A EQUOTERAPIA E O BRINCAR – RELAÇÕES TRANSFERENCIAIS  
NA EQUOTERAPIA E O CAVALO COMO OBJETO TRANSICIONAL**

Trabalho apresentado ao Centro  
Universitário de Brasília  
(UniCEUB/ICPD) como pré-requisito  
para a obtenção de Certificado de  
Conclusão de Curso de Pós-Graduação  
*Lato Sensu* em Teorias Psicanalíticas.  
Orientadora: Sandra Baccara

**Brasília  
2007**

## RESUMO

A Equoterapia é um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência. No presente trabalho, é realizada uma discussão teórica sobre uma possível vinculação entre as relações transferenciais na Equoterapia e o uso do cavalo como objeto transicional. Buscou-se demonstrar que uma atitude contratransferencial baseada em atitudes positivas – tais como aceitação incondicional, confiança e alegria – leva a uma facilitação na criação de um vínculo positivo entre praticante e terapeuta. Uma vez estabelecido esse vínculo, o terapeuta pode apresentar ao praticante de Equoterapia, o cavalo como um objeto transicional. O cavalo tem diversas características citadas por Winnicott como próprias de um objeto transicional, tais como textura (a maciez de seu pêlo), calor e vitalidade, e que se referem ao primeiro objeto relacional de um ser humano, o seio. A relação de um praticante com o seu cavalo dá-se também na ordem do imaginário, onde esse animal passa a ser dotado de poderes e atitudes mágicas, em uma zona fronteira entre o mundo interno e o externo. Sendo a Equoterapia lúdica por natureza, tem-se a possibilidade de explorar o cavalo como um objeto transicional e levar o praticante através do brincar a desenvolver-se com plenitude. O brincar é uma forma espontânea e eficaz para desenvolver-se, pois, brincando, faz-se algo, ou seja externaliza-se o que é interno, e tem-se a oportunidade de adequar o mundo imaginal ao real, fortalecendo o verdadeiro Self. A utilização do cavalo como objeto transicional pode ser eficaz tanto para praticantes com grave comprometimento físico e mental pois, enriquece o arcabouço de experiências sensoriais, motoras, afetivas e cognitivas através do brincar, como também para praticantes menos comprometidos, e que podem vir a controlar de forma independente um cavalo, pois passam de uma situação de um controle imaginário até uma efetiva ação de domínio de um animal de aproximadamente 400 a 500 quilos, passando pelos diversos programas de Equoterapia, a hipoterapia, a educação/reeducação, o pré-esportivo e o hipismo adaptado. Isso torna o cavalo um objeto transicional perfeito. Uma criança que brinca é mais saudável, bem como um adulto também, na Equoterapia existe a possibilidade de um resgate da ludicidade humana ou até mesmo do aprendizado dela, para aqueles que por diversos motivos não tiveram um objeto transicional em sua infância. Essa discussão foi originada a partir de um trabalho vivencial com Equoterapia, como psicólogo na equipe interdisciplinar no Centro Básico de Equoterapia General Carracho, da ANDE-BRASIL (Associação Nacional de Equoterapia), confrontado com as teorias psicanalíticas de Donald Woods Winnicott, inglês, autor de diversos livros sobre psicanálise e desenvolvimento humano, o que possibilitou um embasamento e um aprofundamento no estudo da Psicologia aplicada à Equoterapia.

Palavras-chave: Equoterapia; Psicologia e Equoterapia; Relações transferenciais na Equoterapia; o cavalo como objeto transicional.

## **ABSTRACT**

The Therapeutic Riding is a therapeutical and educational method that uses the horse with an interdisciplinary approach of the areas of health, education and horsemanship to achieve an integral development for disabled persons.

This monograph is a theoretical discussion about the possible connection between the transference and counter-transference in the Therapeutic Riding and the use of the horse as a transitional object, with the purpose of reaching the development of the patient based on playing activities.

This work tried to demonstrate the use of counter-transference – based on positive attitudes: as unconditional acceptance, trust and joy – as a streamline way to create a positive link between the therapist and the patient.

Once established that link, the horse can be used as a transitional object. The horse has several features, as texture, warmth and vitality, in comprised in the Winnicott theories, that indicates that the horse may be considered as a transitional object. The relationship between the human being and horse occurs in the imagination area too; the horse may be seeing with a magical power, in the border area between the internal and external world. As the Therapeutic Riding is a ludical therapy in essence, the playing activities that make possible this relationship can be a very significant way of reaching and organizing the internal world, because playing is doing, and when we do something, it becomes real, not being anymore only an idea, amplifying the real Self. One practiser of Therapeutic Riding that can be independent in riding a horse, controlling an 400, 500 kilos animal, passing for the four modalities of horse therapy as hypotherapy, education/reeducation, pre-sportive and adapted horsemanship, also uses the horse as a perfect transitional object, passing trough a imaginary control for an effective control of the animal. One child, or one adult who plays is more healthy, and the horse therapy is a effective way of reaching a ludical way of life. This discussion is based on the work as psychologist of Centro Básico de Equoterapia General Carracho, of ANDE-BRASIL, embased with the theories of Donald Woods Winnicott, englishman, recognized author of diversal books about human development.

Key-words: Therapeutic Riding; Psychology and Therapeutic Riding; Transference and Counter-transference in Therapeutic Riding; The horse as a transitional object.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO.....   | 6  |
| CAPÍTULO 1 - UMA BREVE APRESENTAÇÃO DA<br>EQUOTERAPIA.....  | 9  |
| CAPÍTULO 2 - O USO DA ACEITAÇÃO INCONDICIONAL, CONFIANÇA E<br>ALEGRIA NA CONTRATRANSFERÊNCIA EM<br>EQUOTERAPIA.....     | 16 |
| CAPÍTULO 3 - O CAVALO COMO OBJETO TRANSICIONAL E INSTRUMENTO<br>TERAPÊUTICO NUMA EQUOTERAPIA ATRAVÉS DO<br>BRINCAR..... | 26 |
| CONCLUSÃO.....  | 41 |
| REFERÊNCIAS.....  | 44 |

## INTRODUÇÃO

Essa monografia teórica é decorrente da minha experiência como psicólogo do Centro Básico de Equoterapia General Carracho, filiado à ANDE-BRASIL, localizado na Granja do Torto, em Brasília, e mais de cinco anos de experiência com portadores de necessidades especiais, sendo então uma junção de uma práxis que vem sendo realizada durante minhas atividades profissionais, com um embasamento posterior adquirido no curso de pós-graduação lato-sensu de Teoria Psicanalítica, no Uniceub, em Brasília. Minha formação é em Psicologia, pela Universidade de Brasília, em Educação Física, pela Faculdade Alvorada, além de uma formação em Psicologia Transpessoal pela Unipaz-DF.

Minha experiência e minha práxis encontraram respaldo teórico nas teorias psicanalíticas de Donald Woods Winnicott. Escolhi para a realização dessa monografia um debate teórico, a fim de realizar um embasamento teórico da minha práxis com as teorias de um dos maiores psicanalistas conhecido. Uma complementação desse trabalho através de estudos de casos, seria uma atitude plausível, mas que necessitaria de uma metodologia e uma instrumentação específica, além de um período maior para aprofundamento das questões aqui levantadas. Neste sentido, esse trabalho pretende ser apenas uma base teórica de um assunto que nunca será passível de esgotar-se, mas que me daria muito prazer em aprofundar.

No presente trabalho pretende-se utilizar o conceito criado por Freud, da Transferência e Contratransferência em processos terapêuticos, e posteriormente desenvolvidos por Winnicott, numa tentativa de demonstrar como uma abordagem baseada numa atitude contratransferencial de aceitação incondicional, confiança e

alegria, pode auxiliar para que a transferência seja melhor utilizada pelo terapeuta no processo equoterápico, pois, estabelece um vínculo mais forte com o praticante de equoterapia.

No processo terapêutico, a transferência está imbuída de diversos fatores que remetem ao passado da pessoa, e que provocaram um déficit em seu desenvolvimento, sendo uma oportunidade para um equoterapeuta atento atualizar esse desenvolvimento estando em um lugar privilegiado, tendo o cavalo ao seu lado como objeto transicional, podendo realizar o processo terapêutico de forma lúdica.

A contratransferência realizada com sentimentos positivos pode levar a uma aquisição mais rápida da confiança na relação terapeuta-praticante de Equoterapia, abrindo espaço para o uso do cavalo como instrumento terapêutico e objeto transicional, na busca do desenvolvimento de portadores de necessidades especiais, estabelecendo um padrão lúdico para a terapia, pois como revela Winnicott (1975), o brincar é a melhor forma de terapia que existe.

Ao se fazer uso do cavalo como objeto transicional, da aceitação incondicional e da alegria, o brincar só pode mesmo se tornar algo espontâneo e portanto terapêutico.

No capítulo um, explica-se um pouco sobre o que é a Equoterapia, a doutrina da instituição mantenedora no Brasil, a Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL), os programas utilizados e o Centro Básico de Equoterapia General Carracho (CBECG), situado no terreno da própria ANDE-BRASIL, e local de atuação do autor.

No capítulo dois, disserta-se como uma atitude contratransferencial baseada em atitudes positivas tais como aceitação incondicional, alegria e confiança podem levar a uma criação de vínculo de forma mais rápida e efetiva.

No capítulo três, coloca-se que uma vez tendo sido realizada essa vinculação, essencial para o trabalho terapêutico, a atitude do terapeuta auxiliará o praticante de Equoterapia a usar o cavalo como objeto transicional e realizar uma atividade terapêutica lúdica através deste.

Por fim, temos a conclusão, onde realça-se que a Equoterapia pode trazer benefícios variados para o desenvolvimento saudável do ser humano.

Cita-se para efeitos de pesquisa, que Donald Woods Winnicott (1896-1971) é um renomado autor de livros sobre o desenvolvimento humano, tendo por base a Psicanálise para suas teorias e sendo discípulo de Melanie Klein, acrescentou alguns conceitos à Psicologia Moderna, como: mãe suficientemente boa, verdadeiro e falso Self, o holding e o handling. Adquirindo o mérito de ter direito à uma linha própria, dentro da Psicanálise, a winnicotiana.

## **CAPÍTULO 1 - UMA BREVE APRESENTAÇÃO DA EQUOTERAPIA**

No trabalho da Equoterapia não se fala em paciente, um termo originário da medicina e, que além disso tem uma denotação pejorativa de que é aquele que tem paciência.

Na Equoterapia se utiliza um termo mais adequado à realidade equoterápica que é praticante, pois é alguém que pratica uma modalidade terapêutica e educacional dinâmica, a Equoterapia. Nesse sentido, nesse trabalho, apenas usaremos o termo praticante, ao invés de paciente, por ser esse um trabalho desenvolvido dentro de um ambiente de Equoterapia.

### **1.1 O que é Equoterapia?**

De acordo com a Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL) a Equoterapia é um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou com necessidades especiais (CIRILLO, 2007).

Foi reconhecida como método terapêutico pelo Conselho Federal de Medicina (CFM), em Sessão Plenária de 9 de abril de 1997, através do Parecer 06/97, e como método educacional pela Divisão de Ensino Especial da Secretaria de Educação do Distrito Federal, instituição conveniada a ANDE-BRASIL, pois através

de pesquisas realizadas se comprovou que ela favorece a alfabetização, a socialização e o desenvolvimento global dos alunos portadores de necessidades educativas especiais.

Atualmente tramita no Congresso Nacional, projeto de lei que visa colocar a Equoterapia como método terapêutico atendido pelo SUS.

## **1.2 Quais os programas usados na Equoterapia?**

Segundo a doutrina da ANDE-BRASIL (CIRILLO, 2007) são quatro os programas básicos, a saber:

- Hipoterapia
- Educação/Reeducação
- Pré-esportivo
- Prática Esportiva Adaptada

### **a) hipoterapia**

Primeiro programa da Equoterapia, usado geralmente por praticantes com comprometimento físico ou mental maior, ou até mesmo alguém que não saiba ou não queira conduzir o cavalo.

Nesse programa, o objetivo não é ensinar o praticante a conduzir o cavalo, mas usá-lo como instrumento cinesioterapêutico para melhoria das suas condições físicas e/ou como objeto transicional para seu desenvolvimento pessoal, seja psicológico, psicomotor, educacional ou da fala.

Necessita de um auxiliar-guia, para conduzir o cavalo. Na maioria dos casos, também de dois terapeutas ou um terapeuta e um auxiliar - lateral, um de cada lado do cavalo, para mantê-lo montado, dando-lhe segurança.

b) educação/reeducação

Neste programa, o praticante começa a exercer alguma atuação sobre o cavalo e conduzi-lo, dependendo em menor grau do auxiliar-guia e do auxiliar - lateral ou terapeuta. O profissional de equitação passa a atuar como um instrutor, ensinando os primeiros passos na condução do cavalo, sendo este utilizado como auxiliar no ensino de portadores de necessidades educacionais, ou na recuperação de pessoas com algum tipo de lesão desabilitadora ou doença degenerativa.

O cavalo, ainda atua como um objeto transicional e os terapeutas podem tirar muito beneficio disso, através de brincadeiras e jogos educativos.

c) pré-esportivo

O praticante tem boas condições para atuar e conduzir o cavalo, embora não pratique equitação, mas já está com uma boa autonomia na condução deste, podendo participar de pequenos exercícios específicos de hipismo.

A ação do profissional de equitação é mais intensa, já que o objetivo a ser alcançado nesse programa é que o praticante conduza de forma independente o cavalo, necessitando, contudo, da orientação dos profissionais das áreas de saúde e educação, já que possíveis dificuldades e conflitos ainda podem, e provavelmente estão presentes.

O praticante exerce maior influência sobre o cavalo.

d) d) prática esportiva adaptada

A ANDE-BRASIL (CIRILLO, 2007) incluiu o hipismo adaptado como parte deste programa, sendo favorável que seja conduzido por uma Associação Nacional Especial que venha a regulamentar esta prática no Brasil:

- Este programa, também é aplicado nas áreas de reabilitação e educação;
- A ação do profissional de equitação é mais intensa, necessitando, contudo, da orientação dos profissionais das áreas de saúde e educação; e
- Visa não só à inserção social, mas também ao prazer pela prática esportiva, melhoria da qualidade de vida, bem estar e auto-afirmação.

### **1.3 Quem são os praticantes, a quem se destina a equoterapia?**

A prática da Equoterapia busca benefícios físicos, psíquicos, educacionais e sociais de pessoas com deficiências físicas ou mentais e/ou com necessidades especiais, tais como (CIRILLO, 2007):

- lesões neuromotoras de origem encefálica ou medular;
- patologias ortopédicas congênitas ou adquiridas por acidentes diversos;
- disfunções sensório-motoras.
- necessidades educativas especiais;
- distúrbios:
  - evolutivos;
  - comportamentais;
  - de aprendizagem;

- emocionais.

#### **1.4 - A Associação Nacional de Equoterapia (Ande-Brasil)**

É uma sociedade civil, de caráter filantrópico, terapêutico, educativo, cultural, desportivo e assistencial, sem fins lucrativos, com atuação em todo o território nacional, tendo sede e foro em Brasília – Distrito Federal.

É uma entidade de consultoria técnica em Equoterapia da Sociedade Brasileira de Medicina Física e de Reabilitação.

Foi criada em 10 de maio de 1989 e como entidade mantenedora da Equoterapia no Brasil tem por objetivo evitar que a Equoterapia prolifere de forma desordenada, zelando pela sua normatização , ordenação e controle em âmbito nacional das entidades conveniadas e, até mesmo, o reconhecimento técnico-científico dos benefícios decorrentes deste método, pelas autoridades governamentais das áreas de saúde e educação (CIRILLO, 2007).

São ofertados três tipos de cursos pela ANDE-BRASIL, um curso básico de Equoterapia, para profissionais formados sendo pré-requisito para se trabalhar com Equoterapia no Brasil em um centro filiado. Um curso avançado, para profissionais experientes que buscam um maior aprofundamento na área, reciclagem e intercâmbio de idéias, e um curso de equitação para Equoterapia, visando a formação de equitadores aptos a trabalhar com Equoterapia.

A ANDE-BRASIL preconiza que para a filiação de um centro de Equoterapia, existam pelo menos três profissionais habilitados, um fisioterapeuta, um equitador e um psicólogo.

No entanto, diversos profissionais podem estar envolvidos, como, terapeuta ocupacional, pedagogo, médico, assistente social, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, educador físico, professores de arte, psicopedagogos, etc, atuando como equoterapeutas ou prestando contribuição em sua área.

### **1.5 Centro Básico de Equoterapia General Carracho (CBEGC)**

O Centro Básico de Equoterapia General Carracho (CBEGC), é a unidade onde são realizadas as atividades equoterápicas dentro do espaço da ANDE-BRASIL.

Atuando no CBEGC há uma equipe multidisciplinar com atuação interdisciplinar composta por profissionais diversos, tais, como, educadores físicos, pedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos, equitadores, fisioterapeutas e professores de arte, há ainda a orientação de um médico e de veterinários.

A maior parte dos terapeutas estão cedidos em convênio pela Secretaria de Educação, há um fisioterapeuta cedido pelo Exército e uma fonoaudióloga contratada. Esses terapeutas compõem a equipe técnica do CBEGC, essa equipe é didata em cursos ofertados pela ANDE-BRASIL, em diversas localidades do Brasil, mas principalmente em sua sede, na Granja do Torto, em Brasília.

No CBEGC da ANDE-BRASIL, o atendimento é realizado gratuitamente, em média são atendidos por ano 90 praticantes.

O terreno da ANDE-BRASIL, onde são realizadas as atividades equoterápicas possui mais de 100mil metros quadrados, diversos picadeiros cobertos ou não, pistas de terra e de asfalto, um lago artificial, uma equovia, além de muitas áreas verdes, o que possibilita ao praticante o benefício do contato com a Natureza.

## **CAPÍTULO 2 - O USO DA ACEITAÇÃO INCONDICIONAL, CONFIANÇA E ALEGRIA E CONTRATRANSFERÊNCIA NA EQUOTERAPIA**

A transferência e a contratransferência são dois postulados teóricos de Freud, advindos do desenvolvimento de sua teoria psicanalítica. A transferência é relativa a todas as formas de relacionamentos humanos, sejam interpessoais e até de pessoa à animal ou planta. Já a compreensão da contratransferência se dá a partir da observação de que a atitude do terapeuta perante o praticante influi no tratamento (FREUD apud ABREU, 1995). Para a psicanálise e algumas formas de psicoterapias, a transferência e a contratransferência servem como instrumento terapêutico.

Freud (1912) sinalizou o caminho, de que a relação entre praticante-terapeuta é dual, e deu o nome de transferência e contratransferência, fez diversas referências à transferência, mas não se aprofundou na contratransferência, sendo raros os textos em que comenta essa questão, deixando amplo espaço para pesquisa posterior. Ferenczi (apud ROUDINESCO, 1998) também observou o fenômeno transferencial ocorrido entre paciente e médico, professor e aluno, e em todas as relações desde 1909, e posteriormente contrariando Freud, sugeriu que havia uma relação de mão dupla entre as duas partes, cada um transferindo ao outro conteúdos subjetivos (LAPLANCHE, 2001), nunca chegando a considerar que a “contratransferência pudesse ser utilizada de maneira dinâmica no desenrolar do tratamento” (LAPLANCHE, 2001).

Foi a partir de Klein, com a teorização da identificação projetiva e suas funções, que se tornou possível a utilização dos próprios sentimentos para analisar o sentimentos do praticante Andrade (1996). Embora Klein, não dedicasse nenhuma elaboração teórica especificamente falando da contratransferência, seus discípulos se aprofundaram em pesquisas (LAPLANCHE, 2001).

Entre eles, destaca-se a figura de Winnicott, observando que a contratransferência é mais do que as respostas do terapeuta em relação à transferência do analisando (praticante).

Para Winnicott (1975), transferência e contratransferência não podem ser diferenciados um do outro, pois, fazem parte de uma mesma relação entre praticante e terapeuta.

Situações do passado da vida do praticante podem estar atuando no presente, isso é o princípio básico de qualquer terapia de cunho analítico, e gerando reflexos na relação transferencial entre praticante e terapeuta, cabendo ao terapeuta realizar o manejo dessa relação para o bem do praticante (CORRÊIA, 1995). Certamente a ótica do praticante, a forma como ele enxerga o mundo tem profundas raízes em suas experiências, e pode ter gerado um padrão de comportamento, cabendo ao terapeuta além de tomar conta de sua própria lente, limpando-a com freqüência, manejar as relações transferências para o benefício do processo de desenvolvimento do praticante.

É difícil chegar a um consenso de um conceito para transferência e contratransferência, devido a diversidade de olhares que cada linha da psicanálise ou da psicologia refletiu a respeito desses fenômenos. As escolas decorrentes do

freudismo divergem com relação “a seu lugar no tratamento, seu manejo pelo analista e o momento e os meios de dissociação” (ROUDINESCO, 1998, p.767).

De certo modo, para efeitos terapêuticos se considera que a transferência é o fenômeno no qual o praticante revive com o terapeuta, situações ligadas às suas experiências anteriores, podendo o terapeuta, apreciar e apreender e portanto “trabalhar” os elementos dos conflitos do praticante, podendo estar ligados à situações de sua infância, remanescências de atitudes para com os pais.

Muito embora, algumas situações transferidas não tenham realmente ocorrido, mas nem por isso se perde a relevância da transferência, pois, se considera válido o realismo psíquico, ou seja, para a mente não importa se o fato ocorreu ou não, mas sim, se ela acredita nisso (LAPLANCHE, 2001).

E para esse trabalho considera-se que a contra-transferência é a contrapartida do terapeuta, revivendo e projetando, experiências anteriores em seu praticante, mas acima de tudo podendo compreender a emoção do praticante a partir da compreensão de suas próprias experiências, seguindo a visão winnicottiana que irá embasar a criação e utilidade terapêutica do objeto transicional, como a transferência como uma repetição do vínculo materno (ROUDINESCO, 1998).

Para Abreu (1995), uma atitude de abertura, de escuta ao outro, além de ajudar a criar um vínculo mais bem estabelecido, faz com que a contratransferência seja mais positiva. Essa atitude do terapeuta evita que pensamentos pré-concebidos atuem durante a sessão, permitindo ao paciente confiar mais no terapeuta, pois nota um interesse sincero, sente-se acolhido e ouvido.

As relações transferenciais são um interjogo de subjetividades (ABREU, 1995) na qual a atitude do terapeuta influencia diretamente a atuação do praticante. Para Andrade (1996, p.825) a influência da personalidade do analista sobre o praticante é de grande importância.

Devo esclarecer, para melhor compreensão do que quero mostrar no material clínico, que trabalho com o conceito de contratransferência tanto como uma reação do analista(terapeuta) à transferência do paciente (praticante), quanto com seus próprios sentimentos em relação ao paciente(praticante). E considero, também, que a contratransferência possa vir a ser motivada por pontos cegos do analista (terapeuta) que no entanto podem vir a ser compreendidos e utilizados para a evolução do processo analítico. Penso que em todo encontro analítico ocorrem manifestações transferenciais e contratransferenciais, cabendo ao analista (terapeuta) utilizá-las para compreender seu paciente (praticante), bem como o desenvolvimento do processo analítico em curso.

Ao ser colocada a palavra processo analítico, não se deve levar em consideração apenas aquilo que é realizado por um psicanalista, mas por todo terapeuta que em seu processo terapêutico se utiliza de um processo racional de saber.

Na citação acima, fica claro, que as relações transferenciais podem e devem ser analisadas pelo terapeuta, de forma a auxiliar o avanço terapêutico do praticante, sendo ela manejada de forma consciente e responsável pelo terapeuta, conhecedor de sua existência, e visando gerar uma melhora da saúde do praticante.

Ainda cita-se o psicanalista Meurer (1996, p.840): “analista algum pode funcionar em condições de absoluta neutralidade ou ‘aspepsia’; de um modo ou de outro, ele se contagia com certas emoções e conflitos”

Numa relação transferencial segundo ele, o praticante revivencia com seu terapeuta uma experiência objetal de sua infância, com os seus primeiros

objetos (seio, mãe, pai, irmãos). E “Por isso mesmo, a transferência encerra e recria basicamente as mesmas ansiedades, impulsos, mecanismos de defesa e fantasias inconscientes” (MEURER, 1996, p.840), de tal forma que através deste processo ele possa reestruturar suas emoções e representações relativas à essas experiências.

Rapidamente o praticante transfere para o terapeuta a função de pai, mãe, ficando aqui, claro, o cuidado que o terapeuta tem de ter ao fazer o manejo da relação transferencial, sempre levando em conta os interesses do praticante, de forma a auxiliar no seu desenvolvimento.

Ao terapeuta, o caminho terapêutico fornecido pelas relações transferenciais consiste em abrir a escuta, deixar que o paciente seja ele mesmo, somente assim poderão aparecer personificações obscuras, disfarçadas ou visíveis, de imagos hostis ou amorosas (MEURER, 1996), devendo o terapeuta permanecer atento e apto à captá-las.

Para que, isso se torne uma possibilidade, e mais, para que essa possibilidade seja potencializada, o terapeuta deve adotar em relação a seu praticante uma atitude de aceitação incondicional, uma tentativa de agir sem julgamento, numa ampla tentativa de permitir ao praticante que se exponha, pois será sempre acolhido em qualquer circunstância, a escuta estará presente, numa atitude que pode ser chamada também de amor incondicional.

O terapeuta ao se portar de modo a ter uma aceitação incondicional do praticante, passa a mensagem de que não importa como o praticante é, qual sua deficiência, sua dificuldade, como é sua auto-estima, o grau de sentimento de culpa que possui, pois, ele tem ali um amigo que o aceitará da forma como ele é, ou

melhor, pois, o cavalo também não faz distinção entre pessoas com ou sem diagnóstico, portadores ou não de necessidades especiais.

Essa postura do terapeuta seduz o praticante, o faz se interessar mais pela terapia, o leva a confiar mais no terapeuta e conseqüentemente mais no cavalo também. Criando um vínculo mais forte, é mais fácil o manejo a transferência para o auxílio do desenvolvimento físico, motor, cognitivo e afetivo do praticante.

Se por um lado, a aceitação incondicional pode trazer benefícios ao processo terapêutico, cabe aqui se perguntar, o que o terapeuta pode fazer com o seu ódio então, já que com certeza ele não pode ser varrido para debaixo do tapete.

Se torna necessário uma vigília constante acerca de si mesmo, por parte do terapeuta, pois atrás de um sorriso amigável e de uma intenção amorosa pode estar camuflado um sentimento de ódio, não percebido pela consciência. Ter consciência de que um possível ódio por seus praticantes está latente é a melhor atitude para o terapeuta (WINNICOTT, 1947).

Cabe aqui ressaltar também que uma atitude de aceitação incondicional não implica em que o terapeuta deixará o praticante fazer o que bem entender, como bater no cavalo, no terapeuta, puxar a crina, etc. O uso do não, não é proibido em casos de comportamentos inadequados e a aceitação incondicional não implica em uma inexistência de limites.

O praticante é aceito como ele é, mas é levado a entender que existem regras que têm de ser cumpridas. A diferença é que um terapeuta ao repreender um praticante por uma atitude inadequada, agindo com aceitação incondicional e consciente de um possível ódio atuante, toma uma atitude corretiva mas, deixa claro

que a sua reprimenda está relacionada ao comportamento inadequado e não à pessoa do praticante.

Na relação transferencial sempre ocorrem movimentações recíprocas, de ódio e de amor, mas cabe ao terapeuta manter a distância necessária para observar essa relação (LEVISKY, 1995). Isso tem um interesse maior ainda por colocar a terapia como processo evolutivo tanto para praticante quanto para o terapeuta, pois, conflitos mal resolvidos do terapeuta também poderão aparecer.

Dentro da Equoterapia, onde se trabalha com portadores de necessidades especiais, a pessoa do terapeuta pode ser alvo de inúmeras simbolizações de um imago excluído. Não é preciso dizer aqui como o portador de necessidades especiais é excluído pela sociedade. O terapeuta recebe como carga uma transferência de alguém, geralmente, considerado inferior, coitado, feio, inútil. Se abrir para essa realidade transferencial exige bastante da saúde mental e do auto-conhecimento do terapeuta, mas também, uma vez que se entregue, e viva com franqueza essa relação, abre-se espaço para um amplo desenvolvimento pessoal.

Marcel Mauss (1950), em seu *Ensaio sobre a dádiva*, traz uma contribuição nesse sentido, ao postular dentro da antropologia, o paradigma da dádiva e a vantagem de se tomar uma atitude de aceitação incondicional.

Cabe aqui uma breve apresentação desse brilhante cientista. Mauss, foi um antropólogo, que deveria, pelo ineditismo e importância de seu trabalho, ser conhecido como um dos grandes antropólogos ao lado de Malinowski e Levi-Strauss, tendo sido contemporâneo deste último (CAILLE, 1998). O fato de seu trabalho não ter tido a divulgação que merecia na época pode ter se dado pelo

zeitgeist do século passado (o século XX foi o século da competitividade, enquanto ele falava sobre um sistema de cooperatividade).

O paradigma da dádiva estudado por Mauss (1950), provém, resumidamente, de um estudo realizado em diversas tribos primitivas, onde foi observado que, quando um membro de uma tribo dava algo a alguém de outra tribo, isso obrigava este a receber o presente, e conseqüentemente a retribuí-lo, uma vez que, se houvesse uma recusa na recepção do presente, estava se dizendo que essa pessoa não era bem-vista ou desejada, isso significava guerra.

Da necessidade de se unir ou de se enfrentar, surge então a tendência do ser, de aceitar o outro, dialogar, exercer comércio ou então de guerrear.

Para Mauss (1950), ao se dar algo a alguém, isso exige que ele dê outra coisa de igual valor ou superior em troca, senão será considerado inferior, essa retribuição tende a ser mais importante ainda se a dádiva for ofertada sem intenção de receber nada em troca.

Em todas as sociedades imediatamente anteriores às nossas e que ainda nos rodeiam, e mesmo em numerosos usos da nossa moralidade popular, não existe o meio termo: confiar-se inteiramente ou desconfiar inteiramente (MAUSS, 1950,p.195).

Trazendo isso para o ambiente equoterápico, cabe ao terapeuta efetuar o primeiro passo, de aceitação incondicional, ofertar sua confiança ao praticante, implicando que ele estará imediatamente convidado a fazer o mesmo, aceitar e se entregar incondicionalmente à figura do terapeuta e à terapia.

Evidente que o terapeuta tem ao seu lado um fator fortíssimo de convencimento, o cavalo, instrumento terapêutico e objeto transicional, que só pode ser montado, na Equoterapia, com a autorização deste.

O praticante, então, não tem opção, se quiser ter acesso ao cavalo, tem de ser amigo do terapeuta, pois os dois estão interligados. Para ser amigo do terapeuta, tem de aceitar a confiança deste e ofertar a sua também.

Geralmente funciona muito bem, pois são raros os casos em que o cavalo não exerce seu poder de sedução.

O cavalo por si só, já faz o trabalho de aceitação incondicional, ao se deixar ser montado, utilizado, não julga quem o está montando por sua aparência física, mas mais pelas suas habilidades de equitador. É sabido que um cavalo pode jogar um cavaleiro inapto ao chão se sentir que esse não o domina, mas que é dominado por ele.

Para a Equoterapia, principalmente nas modalidades de hipoterapia e educação eqüestre, são utilizados animais mansos, que aceitam bem a montaria.

A aceitação incondicional ofertada pelo terapeuta ainda traz outro benefício, a quebra de um ciclo negativo de sedução que o praticante pode e provavelmente está trazendo de seu círculo familiar, já que a criança desde que nasce é sujeitada a uma série de manipulações que nada tem a ver com o amor incondicional.

Para se ganhar um presente, se dá um beijo ou abraço, ao se comportar “bem”, ganha-se em troca alguma outra coisa de seu interesse. Ao entrar na escola, aprende a trocar “bom” comportamento por notas e mais tarde vai trocar força de trabalho por outras notas (CREMA, 1995).

Ao se aceitar incondicionalmente a pessoa como ela é, quebra-se esse ciclo, trazendo à tona outro ciclo, muito mais saudável, onde “eu oferto algo à você

(minha confiança), e espontaneamente você, me oferta algo em troca (sua confiança), simplesmente porque eu gosto de você (aceitação incondicional) e vou continuar gostando de você mesmo que não me dê nada em troca”. E isso é algo que vai em desencontro a tudo que temos visto em nossa sociedade.

Cessando o conflito, a resistência cede e o processo terapêutico pode seguir com maior fluidez. Isso condiz com que Carl Rogers (1977, p. 63) propunha ao papel de terapeuta em sua escola:

O terapeuta é a pessoa autêntica que realmente compreende as vacilações e fraquezas do cliente e as aceita sem tentar negar ou corrigi-las. Aceita, preza e valoriza o indivíduo todo, dando-lhe incondicionalmente, a segurança e a estabilidade no relacionamento de que ele precisa para correr o risco de explorar novos sentimentos, atitudes e condutas. O terapeuta respeita a pessoa como ela é, com seus anseios e medos, portanto, não lhe impõe critérios de como ela deve ser. Acompanha-o no caminho que ela própria constrói, e participa, como elemento presente e ativo, deste processo de autocriação, facilitando a percepção, a cada instante, dos recursos pessoais e dos rumos deste caminho, tais como a pessoa os vivencia.

Na Equoterapia, o terapeuta também é um mediador, pois ele media a interação do praticante com o cavalo, acompanhando-o em seu processo evolutivo para que benefícios psíquicos, cognitivos e físicos que se alcançam ali se estendam para outras áreas da sua vida.

Ele é um mediador da relação praticante-cavalo, não só por auxiliar o praticante a confiar nele e no cavalo, através do manejo das relações transferenciais, mas também por mediar as relações transferenciais, a interação e a confiança entre praticante e guia, participante do processo também. Esse manejo serve para a criação do vínculo e da confiança do praticante na terapia.

Mas mais do que isso, o manejo deve continuar durante o resto do tratamento, já que para o praticante o cavalo é um objeto transicional, situação riquíssima de possibilidades terapêuticas.

## **CAPÍTULO 3 - O CAVALO COMO OBJETO TRANSICIONAL E INSTRUMENTO TERAPÊUTICO NUMA EQUOTERAPIA ATRAVÉS DO BRINCAR**

O vínculo enraizado com a aceitação incondicional, com o terapeuta atuando com alegria, traz para a terapia um caráter lúdico excepcional, pois a atividade é realizada em cima de um cavalo, um agente lúdico, vivo, um objeto transicional peculiar, um convite para uma brincadeira, com benefícios terapêuticos diversos.

Um desses benefícios, bem conhecido se refere à melhoria da parte física e motora, do praticante, pois o cavalo ao mover-se, força o cavaleiro a realizar ajustes tônicos, equilibrando-se a cada passo que o cavalo executa. Cada passo do cavalo força o cavaleiro a realizar de 1 a 1,25 movimentos por segundo. Em um trabalho padrão de Equoterapia, que dura cerca de trinta minutos, o cavaleiro terá executado, então, de 1800 a 2250 ajustes tônicos posturais (ANDE-BRASIL, 2002).

Ela permite através do movimento do cavalo uma repetição de movimentos sem, no entanto tornar-se uma atividade monótona, pelo contrário, é divertido andar à cavalo. Deve-se dizer que dentro do campo da reabilitação física é raro encontrar um método terapêutico que tenha essa característica.

Sabe-se ainda que os ajustes tônicos realizados através do movimento tridimensional, frente-trás, direita-esquerda e cima-baixo, são equivalentes ao do caminhar humano (ANDE-BRASIL, 2002).

Imagine isso, na reabilitação de uma pessoa com algum tipo de paralisia ou paresia que o impeça parcialmente ou totalmente de andar. Ou para o fortalecimento muscular de pessoas hipotônicas através de um exercício que mais parece uma brincadeira.

Cita-se aqui, a tentativa de Charles S.Castel, abade de St. Pierre em 1734 e Samuel T. Quelmaz, médico alemão, em 1747 , provavelmente decorrente do pensamento mecanicista da Ciência Cartesiana, de se construir uma máquina que imitasse o movimento do cavalo, com a vantagem de ser economicamente mais viável, mais seguro e num ambiente controlado, mas não se obteve sucesso com tal empreitada. Esclarece-se que os efeitos benéficos da equitação já são conhecidos há milênios, Hipócrates de Loo (458-370 a.C) já aconselhava a equitação em seu Livro das Dietas (apud ANDE-BRASIL, 2002), para regenerar a saúde e preservar o corpo humano de muitas doenças (ANDE-BRASIL, 2002)

O cavalo, apesar de apresentar um custo maior e maiores riscos que uma máquina não foi e nem será superado por ela como instrumento terapêutico, por aliar as suas qualidades cinesioterapêuticas com o fato de ser um objeto transicional.

Para o presente trabalho, pretendemos estudar o uso do cavalo como objeto transicional.

Para Winnicott (1975), o objeto transicional faz referência à primeira relação do bebê com um objeto, geralmente o seio, não sendo nem um objeto interno, nem um objeto externo, mas a ilusão que o bebê cria da sua relação com ele, se assim for permitido por uma mãe suficientemente boa, que possibilita ao bebê acreditar que o que ele criou realmente existe.

Se, no início essa fantasia surge do seio, os objetos transicionais posteriores serão uma referência a ele, sugerindo-se um objeto pelo qual a criança tem particular afeição, como um urso de pelúcia, uma fralda, o dedo, e que age como um acalmador, um tranqüilizador, algo que produz satisfação ou prazer.

A Psicanálise de um modo geral estudou bastante a estimulação da zona erógena oral, através do seio, e posteriormente dos dedos, punhos, chupeta, entre outros, e como depois a zona erógena passa a ser mais catexizada em outras áreas do corpo, dando origem à fase anal e à fase fálica, e também, é sabido que a maioria dos bebês acaba por desenvolver uma espécie de relação especial com algum objeto, seja um boneco, um bichinho de pelúcia, uma fralda, etc. Para Winnicott (1988), haveria uma relação direta entre esses dois conjuntos de fenômenos, fator que não havia sido estudado por outros pesquisadores psicanalíticos.

A eles deu o nome de fenômenos transicionais e ao objeto escolhido chamou de objeto transicional, como algo que não é o seio da mãe, mas que remete à ele, e que serve de suporte emocional em substituição à ela, proporcionando-lhe tranqüilidade, acalmando-lhe como citado acima, e agindo como uma defesa contra a ansiedade.

Em alguns casos, durante o desenvolvimento da pessoa pode não ter existido um objeto transicional, o que pode ser algo extremamente prejudicial, impossibilitando um desenvolvimento normal.

O termo fenômenos transicionais se refere ao uso que é dado à esses objetos que permanecem num estado fronteiroço, do não-eu, mas que também não é reconhecido como um objeto interno. Winnicott (1975) sugere que os padrões dos

fenômenos transicionais surgem por volta dos quatro e seis aos oito e doze meses de idade.

No entanto, esses padrões podem ressurgir a qualquer momento da vida, e uma psicoterapia, para atingir seus objetivos acaba acessando em algum momento um padrão de fenômeno transicional, que ao ser trabalhado pode auxiliar no desenvolvimento do praticante.

O objeto transicional e os fenômenos transicionais constituem uma área intermediária de experiência do bebê que se bem processada, e adaptada às exigências da realidade no adulto, no que concerne ao compartilhamento do que Ser, trará como resultado alguém que pode desenvolver atividades como “arte, religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico criador” (WINNICOTT, 1988, p.407), possibilitando uma ponte entre o que é subjetivo, e o que pode ser percebido objetivamente.

Para Winnicott (1988), o fato de um cobertor, por exemplo, não ser o seio da mãe, mas representar o seio, inaugura a capacidade do bebê de lidar com o simbolismo, já que o bebê sabe que o cobertor não é o seio da mãe, sendo capaz de distinguir fantasia e fato. Isso é primordial para o desenvolvimento saudável do Ser, já que somente através do simbolismo será possível estabelecer uma comunicação, uma exploração com o nosso inconsciente.

Essa experiência, dos fenômenos transicionais, só pode ser inaugurada através de uma mãe que permita a seu filho que crie um objeto transicional, adaptando-se às exigências que essa criança tem em seus primórdios de vida, numa fase onde é completamente dependente, só trará benefícios futuros e um

desenvolvimento saudável, se essa mãe também permitir-se ir se adaptando cada vez menos às necessidades de seu filho.

Permitindo a ele, um contato cada vez maior com a realidade, e descatexizando o objeto transicional, que não deverá ser pranteado, mas sumamente esquecido, tendo cumprido o seu papel (WINNICOTT, 1988).

Na equoterapia, o cavalo pode agir como um objeto transicional a ser trabalhado pelo terapeuta, por ter algumas características que remetem aos primeiros objetos geralmente escolhidos pelos bebês.

O cavalo possui o corpo todo recoberto de pêlos, apresentando textura, a exemplo dos bichinhos de pelúcia. Ele é macio e quentinho, como um seio, uma fralda, ou um bicho de pelúcia. Ainda, possui vitalidade e se movimenta, que são mais duas qualidades procuradas para um objeto transicional segundo Winnicott (1975).

O cavalo pode carregar uma pessoa em seu dorso, montada, o que é mais um facilitador para ser escolhido como um objeto transicional. E ao caminhar, o cavalo produz um embalo no cavaleiro, que pode ser assemelhado ao holding, acalmando o praticante a exemplo do que sua mãe fazia quando era apenas um bebê, ou em alguns casos ainda faz, porque indica-se a equoterapia para pessoas a partir de três anos de idade.

Na criação de um vínculo entre o praticante e o cavalo, sendo esse o objeto transicional, o terapeuta pode agir como um facilitador, a exemplo de como age uma mãe ao deixar um bebê “criar” um seio.

O terapeuta pode facilitar o encantamento do praticante pelo cavalo, permitindo a ele criar uma relação com o cavalo da maneira que quiser, de forma saudável, ao passar confiança e oferecer segurança ao praticante, e até dando asas à imaginação, aceitando e fazendo parte do encantamento, da brincadeira, do praticante.

Num trabalho psicoterapêutico com portadores de necessidades especiais, o uso do objeto transicional e o resgate dos fenômenos transicionais tem relevante papel, até pela dificuldade de se encontrar em tais casos uma mãe que possa ter sido suficientemente boa.

Explica-se, supõe-se que toda mãe espere que seu filho nasça belo, bonito e saudável, à semelhança dos bebês que fazem propaganda em fraldas descartáveis, em produtos para bebês ou que aparecem na TV, em revistas, etc. Até hoje, não se conhece o relato de uma mãe que esperava que seu filho fosse portador de alguma síndrome, distúrbio ou doença.

Observo na prática clínica, que em tal situação duas coisas são mais prováveis de acontecer, ou uma superproteção à criança portadora de necessidades especiais que geralmente nasce com a saúde debilitada, o que leva a uma mãe excessivamente boa. Ou pode haver uma rejeição, uma dificuldade de aceitar a criança como ela é, fruto da incapacidade de gerar um filho saudável, sendo isso para algumas mulheres, e principalmente, a sociedade pode estar reforçando isso, um ataque violento ao ego, o que poderia causar uma mãe não suficientemente boa.

Em ambos os casos, são mães que terão dificuldade em oferecer a seu filho um objeto transicional.

Nesses casos, o cavalo pode então, estar proporcionando a criação de um fenômeno transicional, facilitado pelo terapeuta. Às vezes, a criança nunca teve um objeto transicional que possibilitasse seu desenvolvimento normal ou tinha um objeto especial, que lhe trazia um conforto, uma proteção, era um amigo, mas que não tinha as características de um objeto transicional verdadeiro, um objeto não-eu que substituísse a presença da mãe, como um acalmador.

A relação com o cavalo pode abrir ao praticante um mundo novo, como um ser encantado, com poderes e atitudes projetadas nele, o cavalo pode vir a falar, raciocinar, participar de aventuras, fazer parte de um mundo de fantasias criado pelo praticante. A literatura infantil tem diversos exemplos de como pode atuar um objeto transicional na mente de uma criança, como o ursinho Pooh, ou o tigre Haroldo do Calvin.

Alguns praticantes, dependendo de suas características e de suas possibilidades, podem passar de um programa de Equoterapia a outro, da hipoterapia, à educação/reeducação e ao pré-esportivo ou à prática esportiva adaptada, o que lhes permitirá experimentar um outro aspecto do objeto transicional, porque nesses casos, a Equoterapia parte da adaptação quase completa às necessidades do praticante, com dois terapeutas fazendo a segurança dele e um guia à frente do cavalo, como na hipoterapia.

Passando para o programa de educação/reeducação, o praticante tem a oportunidade de passar a conduzir o cavalo variando com guia e sem guia e um terapeuta perto oferecendo segurança.

Durante o programa pré-esportivo, o praticante passa a conduzir sozinho o seu cavalo, e na prática desportiva adaptada, prevê-se a autonomia total.

Isso é o objetivo de um objeto transicional, permitir ao praticante, partindo da ilusão que tem de exercer um domínio mágico do objeto, realizar experiências, que acabarão por demonstrar gradativamente que a realidade não corresponde às suas fantasias, desiludindo o praticante, até um ajuste de suas reais competências (WINNICOTT, 1975).

É preciso habilidade para se conduzir um cavalo, ele é um ser vivo, com vontade própria, e mesmo os cavalos ditos mansos, testam o controle do cavaleiro, em outras palavras há um teste de realidade, que proporciona um ajuste da auto-estima, pois se o praticante tem em conta própria que é um grande cavaleiro, mas o cavalo não executa seus comandos, sua auto-estima que era exarcebada tende a diminuir. Por outro lado, se um praticante possui uma auto-estima baixa, ao dar-se conta de que consegue fazer com que um cavalo, um ser enorme, pesando algo entre 400 a 600 quilos, forte, musculoso, execute alguns comandos seus, sua auto-estima tende a aumentar. Em ambos os casos, há um ajuste da auto-estima.

O cavalo por não obedecer completamente aos comandos do praticante gera nele pequenas frustrações que são essenciais para o desenvolvimento saudável do ser, pois é através das frustrações que se desenvolve o pensar (WINNICOTT, 1975).

Se o praticante consegue passar pelo processo de ilusão de ter o domínio sobre o cavalo, até o efetivo controle deste, pode-se dizer que ele conseguiu resolver o paradoxo que lhe proporcionava o cavalo como objeto transicional, e usá-lo para realizar atividades que possam realmente ser compartilhadas no mundo real.

Para isso também foi necessário que se desenvolvesse no praticante o seu verdadeiro Self, pois o animal só atende aos comandos que lhe são dados com clareza de intenção.

Essa área intermediária de experiência, incontestada quanto a pertencer à realidade interna ou externa (compartilhada), constitui a parte maior da experiência do bebê e, através da vida, é conservada na experimentação intensa que diz respeito às artes, à religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico criador (WINNICOTT, 1975, p.30).

Se esse caminho foi trilhado pode-se dizer que a terapia teve sucesso, pois pôde proporcionar ao praticante um resgate de seu desenvolvimento, através do uso dos fenômenos transicionais, partindo do cavalo como objeto transicional, um ser encantado, que age sob domínio mágico do praticante, passando pela desilusão, até a descatexização do objeto, o cavalo passando a ser cada vez mais apenas um cavalo (WINNICOTT, 1975).

O terapeuta, ou os terapeutas, que ajudaram o praticante a trilhar esse caminho fizeram o mesmo papel que uma mãe suficientemente boa faz com seu bebê, para Winnicott (1975), “a principal tarefa da mãe (após propiciar oportunidade para ilusão) é a desilusão”.

O praticante, que devido às suas peculiaridades, nunca chegará a conduzir de forma autônoma um cavalo, mesmo assim poderá receber benefícios na equoterapia, através dos fenômenos transicionais, sendo o cavalo um objeto transicional, e, de um terapeuta com uma postura descontraída, alegre, que estimule o brincar.

Winnicott (1975, p. 59) nos traz o pensamento, de que:

A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente (praticante) e do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em consequência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é dirigido então no sentido de trazer o paciente (praticante) de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que o é.

Ao permitir que o praticante tenha um espaço para brincar, numa região intermediária entre o interno e o externo, permite-se que ele se expresse, que ele faça, crie, interaja. Pode existir alguém que nunca foi estimulado a brincar, mas não alguém tão comprometido fisicamente ou mentalmente que não possa brincar.

Uma criança saudável é uma criança que brinca, e só assim será um adulto saudável. Se uma pessoa adulta desaprendeu a brincar ou não brincou o suficiente em sua infância, através do resgate dos fenômenos transicionais, pode aprender ou reaprender a brincar na equoterapia.

...é a brincadeira que é universal e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros. (WINNICOTT, 1975, p.63).

Não há dúvidas de que alguém que sabe brincar, que desenvolveu a habilidade de brincar, é mais saudável, sabe lidar melhor com situações de conflito, é mais bem humorado, em suma, está orientado pelo seu verdadeiro Self.

E mais uma vez, cita-se que a equoterapia, por ser realizada em um animal, que permite a montaria, que possui as características de um objeto transicional, é uma ótima ferramenta para se estimular a arte do brincar. Ainda mais se o terapeuta adota uma postura alegre, brincalhona, de aceitação incondicional, estimulando o outro a participar da brincadeira.

Nada impede que o guia, participe da brincadeira também, aliás é até recomendado. Pode acontecer de um praticante por escolha própria e que fogem a explicações racionais desenvolver um vínculo maior com o guia do que com o terapeuta ou os terapeutas.

Para alguns praticantes, o cavalo participante da sessão é indiferente, não importa se num dia foi um e depois foi outro. Para ele um cavalo é um cavalo. Já outros praticantes escolhem um determinado cavalo e exigem sempre o mesmo, o que algumas vezes gera dificuldades para a equipe, pois, um cavalo pode adoecer, ser transferido, ou até falecer, exigindo cuidados especiais na troca.

Outros criam um apego especial por um terapeuta, ou um guia, exigindo a mesma atenção para se realizar substituições. Já para outros, guia e terapeuta são indiferentes, para ele o que importa é o cavalo. Mas a equoterapia costuma ser muito prazerosa e divertida para praticantes de diversas características e idades.

Winnicott (1975) desenvolve em seu livro *O Brincar e a Realidade*, uma teoria do brincar onde descreve que, o objeto transicional surge da atitude da mãe de orientar seu bebê a descobrir um objeto, para o qual ele já está pronto para encontrar.

Na atitude da mãe de devolver esse objeto ao bebê, sendo que, esse será por várias vezes repudiado, e encontrado novamente, numa ação oscilatória entre encontrar e deixar ser encontrado, sem interferências, é o que permitirá ao bebê ter uma experiência de controle mágico ou onipotência.

Então, da experiência que o bebê tem da sua onipotência e controle mágico confrontada com o controle que tem do real começa se formar a sua

personalidade, tendo sempre por pano de fundo, o relacionamento, o amor e a confiança pela mãe, ou amor-ódio por ela.

O bebê se desenvolve e passa a aceitar ficar sem a presença da mãe, com quem brinca e em quem confia, generalizando a confiança e o amor antes experimentado com a mãe, a primeira pessoa a brincar com ela.

Passando por essas etapas, o bebê através da brincadeira desenvolve uma capacidade própria de aceitar ou não idéias que não são suas e está preparado para brincar em conjunto com outras pessoas.

Na Equoterapia, ocorre o seguinte, o praticante forma vínculo com o terapeuta, e baseado na aceitação incondicional e afetividade, passa a confiar nele. O terapeuta lhe apresenta o cavalo, que só será montado se aceito pelo praticante, a aproximação é sucessiva e pode durar o tempo que for necessário para que o praticante aceite montar o cavalo.

O terapeuta mantém-se particularmente próximo durante as primeiras sessões, até que a confiança no cavalo e no guia estejam bem estabelecidos. A confiança no terapeuta também tende a crescer com o tempo. À medida que a confiança no cavalo e no guia aumenta, o terapeuta pode se permitir afastar-se gradualmente, até o praticante poder permanecer sozinho em cima do cavalo, se sua condição física assim o permitir. E isso tudo se dá através da brincadeira.

O cavalo, como ser vivo, também precisa de um tempo para passar a confiar e geralmente obedece a mesma regra, o guia e o terapeuta que já detêm a sua confiança lhe apresentam seu novo amigo, o praticante. Os dois estabelecerão um relação recíproca de confiança.

Passadas as dificuldades iniciais, a dificuldade da criação do vínculo, o medo do cavalo, o estabelecimento da confiança, cada praticante tem um tempo próprio para superar essas questões, então o praticante pode começar a experimentar sentir prazer na brincadeira que é realizada em cima do cavalo, pode experimentar soltar as mãos da alça da sela ou da manta, experimentar aclives e declives em cima do cavalo, se sente à vontade para conversar, ou estimulado a falar em casos, onde existem problemas da fala, ou seja, se solta mais, se dispendo mais ao brincar.

O fato de ter superado as dificuldades iniciais já significa uma melhora na auto-imagem do praticante, pois sua coragem venceu o seu medo de montar o cavalo.

Durante a brincadeira, a pessoa tem a oportunidade de externalizar seus medos, receios, seus perigos internos projetados no mundo externo, podendo com uma escuta atenta por parte terapeuta, que facilita o processo, vir a obter triunfo sobre suas dificuldades. A brincadeira age como um facilitador de uma organização interna mais saudável. O acúmulo de experiências gratificantes, pode levar o praticante a fortalecer sua crença em bons relacionamentos e auto-confiança, o que fortalece o seu aspecto emocional.

Se durante a sessão de Equoterapia, seja ela realizada por um fisioterapeuta, um fonoaudiólogo, um educador físico, a atividade é realizada através da ludicidade, então algo de positivo está acontecendo além dos resultados físicos esperados pois, o brincar é por si mesmo uma terapia (WINNICOTT, 1975, p. 74).

Talvez, se um fisioterapeuta, psicólogo, fonoaudiólogo, ou outro, ao participar de um encontro equoterápico, não utilizar a ludicidade, mas visar apenas

resultados específicos de sua área, não realize ali uma terapia verdadeiramente, pois não está enxergando o praticante como um todo, um ser biopsicosocial, mas se centra somente em seus conhecimentos técnicos específicos de sua área. Tal profissional, estará então, realizando uma Equoterapia ou uma equotecnia? Entendo que um terapeuta é aquele que cuida do Ser em sua integridade, o que o diferencia do trabalho do técnico.

Um terapeuta presume-se ser alguém que cuida da pessoa de forma integral, aliás esse é o sentido de se ter uma equipe multidisciplinar, que trabalhe de forma interdisciplinar dentro de um centro de Equoterapia. Nisso se ressalta que a atitude contratransferencial de um equoterapeuta, citada no capítulo dois desse trabalho, tem de ser de aceitação incondicional, alegria, para se estimular que o outro brinque, e de buscar a confiança do praticante, pois só se brinca com quem se confia (WINNICOTT, 1975).

O praticante precisa sentir que ele é importante para o terapeuta, e esse conseqüentemente demonstrar que se importa com ele. Busca-se aqui uma atitude mais humana durante uma terapia, se é que uma sessão sem uma atitude humana pode ser chamado de terapia.

Parece-me válido o princípio geral de que a psicoterapia é efetuada na superposição de duas áreas lúdicas, a do paciente e a do terapeuta. Se o terapeuta não pode brincar, então ele não se adequa ao trabalho. Se é o paciente(praticante) que não pode, então algo precisa ser feito para ajudá-lo a tornar-se capaz de brincar, após o que a psicoterapia pode começar. O brincar é essencial porque nele o paciente manifesta sua criatividade (WINNICOTT, 1975, p. 80).

Não se discute aqui que um trabalho fisioterápico realizado com o praticante montado no cavalo trará benefícios à sua musculatura, equilíbrio

dinâmico, articulações, etc. Já existem diversos estudos relatando como a Equoterapia pode melhorar significativamente os atributos físicos do praticante.

Mas será que o praticante não obterá benefícios ainda maiores se o cavalo for visto como um objeto transicional e o encontro equoterápico ocorrer sob um clima de ludicidade? Na Equoterapia, o trabalho da equipe tem por objetivo ser interdisciplinar e, portanto integral, e sob o enfoque da psicologia, pelo menos, na linha winnicottiana, a atitude do brincar deve ser assumida durante um encontro equoterápico.

O praticante não deve ser visto sob um enfoque fragmentado, através de uma ótica que só enxergue sua deficiência, síndrome, doença ou transtorno, o ser humano está mais além, não necessita só adquirir uma melhor postura, executar melhor o movimento de um braço ou perna, desenvolver a fala, desenvolver mais tônus muscular, desenvolver atributos psicomotores, como atenção, esquema corporal, aumento do tempo de reação, além de orientação espacial, etc. Precisa desenvolver-se de modo integral, pois, tudo está interligado.

A terapia deve atingir também o centro, o Self humano, permitir ao praticante desenvolver também seu lado afetivo, sua criatividade, sua alegria, seu despojamento, sua vontade de viver e se conectar às pessoas, ao cavalo, aprender a levar a vida mais na brincadeira.

## CONCLUSÃO

Ao utilizar a aceitação incondicional, a alegria e ofertar confiança na prática da Equoterapia, a velocidade com que se cria um vínculo e a facilidade com que se efetuam as mudanças é visível. Ainda mais na Equoterapia, que trabalha com um público de portadores de necessidades especiais, que por muitas vezes tem um histórico complicado, o que na maioria das vezes dificulta iniciar o trabalho.

Gerar um vínculo, com uma pessoa vítima de uma síndrome, uma deficiência, ou um transtorno, que por vezes é rejeitado pela sociedade e muitas vezes pela própria família, é e sabem muito bem as pessoas que trabalham com portadores de necessidades especiais, por vezes, difícil. O praticante tende então a ser passado de terapeuta a terapeuta, por dificuldade de criação de vínculo.

Vivemos em uma sociedade competitiva, onde não se é permitido errar, é difícil para um portador de necessidades especiais experimentar desenvolver o seu potencial se na maioria das vezes sua produção fica aquém do que é considerado normal pela sociedade. Através da aceitação incondicional abre-se um espaço de potencial transformação, experimentar fazer algo sem um julgamento do que é belo ou feio, certo ou errado, sem a vergonha ou o sentimento de culpa de não ser perfeito.

O olhar que o terapeuta dirige a seu praticante o influenciará em seu desenvolvimento, um terapeuta deve sempre acreditar que seu praticante é passível de uma melhora, por mais comprometido que seja, esse sentimento, dito contratransferência, induzirá o praticante a compartilhar a visão do terapeuta. E mais

só se confia em quem lhe deposita confiança, cabendo ao terapeuta ofertar primeiro sua confiança.

A Equoterapia é uma atividade alegre, em que passada uma situação de insegurança inicial, se torna muito prazerosa e um profissional com uma atitude alegre só tem a acrescentar ao trabalho terapêutico. Essa situação inicial passa mais rápido se o praticante confiar em seu terapeuta, essa confiança será generalizada ao cavalo e ao guia.

O terapeuta que percebe que para o praticante, o cavalo é um objeto transicional, entende que a Equoterapia é muito mais do que se utilizar do movimento do animal como uma técnica de reabilitação.

É um instrumento terapêutico global, que atua em diversas dimensões, biopsicossociais e até mesmo afetiva, podendo trazer um novo animo para a vida de alguém.

É por isso, que tantas áreas podem se beneficiar do uso da Equoterapia, como a psicologia, a educação física, a assistência social, a pedagogia, etc.

Ainda, como explorado acima, o brincar é algo natural, saudável, e que possibilita o desenvolvimento emocional do ser, na Equoterapia um profissional sério, com uma postura de quem tem poucos amigos, ou pouco aberto ao outro deixa de participar do que mais atrai o praticante na Equoterapia, a alegria de montar e de brincar com um magnífico animal como o cavalo.

Com sensibilidade, o terapeuta pode realizar o manejo transferencial, através da contratransferência munida de sentimentos positivos como aceitação

incondicional, confiança, alegria, dando a oportunidade ao praticante de aceitar o cavalo como um objeto transicional.

Uma vez criada essa situação, essa atitude do terapeuta ainda é válida pois ele vai auxiliar o praticante a experimentar e tirar o melhor proveito de seu objeto transicional para o seu desenvolvimento.

O cavalo alia as características de um objeto transicional, por ser macio, quente, dotado de vitalidade com a funcionalidade de um instrumento cinesioterapêutico.

E se o praticante é capaz de conduzir o cavalo de forma autônoma, este o leva a realizar constantes ajustes da auto-estima e da adequação do Self, pois ele desafia o cavaleiro a ser seu líder, o que só é possível através de atitudes firmes e centradas na realidade, o cavalo não pode ser controlado somente através da imaginação.

Sendo assim, a Equoterapia possibilita ao praticante superar o paradoxo do objeto transicional, possibilitando a ele desenvolver esse terceiro espaço, que será o espaço de ponte entre o que seu mundo interior, subjetivo, imaginário, e o mundo externo, objetivo, real, no sentido de ser um mundo compartilhado.

## REFERÊNCIAS

ABEL, Marcos. *Convicção e efeito terapêutico em Freud*. Rio de Janeiro: Oficina, 2001.

ABREU, Aloysio Augusto. Contratransferência. OUTEIRAL, José; THOMAZ, Teobaldo O. (orgs.) *Psicanálise Brasileira*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p.71-79.

ANDRADE, Altamirando Matos. Transferência e Contratransferência erótica. *Revista Brasileira de Psicologia*, v.30, n.o 4, 1996.

CAILLE, Alain. Nem holismo nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 13, n. 38, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091998000300001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300001&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 Jun 2006.

CORRÊA, Flávio Rotta. Transferência. OUTEIRAL, José; THOMAZ, Teobaldo O. (orgs.) *Psicanálise Brasileira*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p.52-62.

CREMA, Roberto. *Saúde e Plenitude: um caminho para o ser*. São Paulo. Editora Summus, 1995.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência [1912]. *Em Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (pp.133-148). Volume XII. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: edições 70, 1950.

MEURER, José Luiz. Transferência e Contratransferência eróticas. In: *Revista Brasileira de Psicologia*, v.30, n.o 4, 1996.

ROGERS, Carl; ROSENBERG, Rachel. *A pessoa como centro*. São Paulo. Ed. Universidade de São Paulo, 1977.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

WINNICOTT, Donald W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *Textos selecionados – Da Pediatria à Psicanálise*. 3.a ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2001, p. 389-408.

WINNICOTT, Donald W. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.